capa

NO TOPO DA PIRÂMIDE

ALOK furou a bolha da música eletrônica usando seu superpoder de leitura de pista para dominar multidões; agora é a vez de apresentar a grandiosa Áurea Tour para o Brasil

Por Claudia Assef, em São Paulo
Edição de arte Eduardo Pignata
Fotos Gil Inoue
Styling Ana Luiza Ballesteros e JR Mendes
Hair Jessica Alves

Quando a influenciadora digital inglesa Madeline Argy publicou um vídeo, aos prantos, perguntando "O que diabos os DJs fazem?", ela não podia imaginar a imensa onda de respostas que levaria na cara. DJs de todas as partes do mundo criaram músicas, vídeos e memes dos mais engraçados, didáticos e, alguns, revoltados, respondendo à indagação da tiktoker.

Quando assisti ao vídeo, pensei num nome que deixaria a influenciadora ainda mais confusa: Alok. Tomando como base o histórico desse goiano que hoje é um fenômeno global, fica difícil mesmo definir o que um DJ faz.

Aos 33 anos, Alok acumula mais de duas décadas na profissão DJ, sua persona mais conhecida mundialmente. Como produtor musical, ele também tem muita estrada, começou a produzir junto com o irmão gêmeo, Bhaskar, aos 15 anos de idade, no projeto Lógica. Mas Alok é muito mais do que um DJ/produtor musical.

Respondendo à influenciadora londrina usando como filtro a história de Alok, o roteiro do vídeo resposta poderia ser assim: DJs mixam faixas ao vivo, criando experiências sonoras únicas, produzem músicas próprias, fazem remixes, abrem gravadoras, lançam marca de equipamentos, agenciam outros artistas, viram personagem de videogame, protagonizam especial da TV Globo, procriam e formam famílias, fazem show de drones na ONU, levam povos originários para o Grammy, viabilizam água potável para comunidades vulneráveis e podem até ajudar a salvar o meio ambiente. E isso é só a ponta do iceberg.

Do deserto para a pirâmide

Enquanto escrevo este texto, Alok se apresenta no segundo dia (12/4) do festival californiano Coachella, um dos maiores e mais importantes eventos de música e arte do planeta. Na contramão de grandes shows de música eletrônica pelo mundo, que têm investido cada vez mais em tecnologia audiovisual, com gigantescas imagens hiper-realistas projetadas para a plateia, Alok levou para o deserto da Califór-

nia uma apresentação onde um grupo de 50 bailarinos emulou, com as mãos em sincronia, imagens num "telão de led humano", usando elementos como máscaras, tecidos coloridos e simetria, uma técnica conhecida como "tutting". No palco, atrás de um praticável "segurado" por duas gigantescas mãos prateadas, Alok manipulava seu equipamento vestindo uma camiseta onde se lia a frase "Keep Art Human" (mantenha a arte humana).

O recado dado no Coachella foi claro: a tecnologia é bem-vinda, desde que usada da maneira e na hora certa. "A gente é condicionado a acreditar num futuro através de um imaginário coletivo que vem dos filmes. Por isso é importante criarmos as narrativas certas", disse Alok em entrevista à Billboard Brasil, durante o ensaio fotográfico para a capa desta edição.

"Vou te dar um exemplo: a gente fez uma ativação de drones na ONU, para falar sobre mudanças climáticas. Chegou uma pessoa do governo da Ucrânia e me falou: 'eu tô emocionada, porque no meu país a gente usa esses drones como armas para matar, e, aqui, vocês estão usando para trazer conscientização ecológica'", conta o DJ, emocionado.

"Quando a gente fez o show [de drones] no Tomorrowland [em Itu-SP, em outubro de 2024], foi pra trazer entretenimento. Agora, estamos tentando outro uso para os drones, que é fazer reflorestamento em áreas de difícil acesso. Se você souber usar a tecnologia da maneira correta, ela tem muito a ajudar. Ela sempre foi uma grande aliada na minha carreira. A gente está sempre em busca do novo", afirma o DJ, que em março último mudou-se, com a esposa, Romana Novais, e os filhos, Ravi, 5, e Raika, 4, para uma temporada em Los Angeles, nos Estados Unidos.

O "novo", dessa vez, será fazer caber dentro de um estádio o imponente show com a já famosa pirâmide Áurea, erguida pela primeira vez para celebrar os 100 anos do Copacabana Palace na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, em agosto de 2023, num show visto por 1 milhão de pessoas.

A pirâmide foi montada pela segunda vez em abril de 2024 em Brasília, na Esplanada dos Ministérios, e, em novembro, em Manaus (AM), num show para 250 mil pessoas, no estacionamento do estádio do Mangueirão. Os três shows somados impactaram 1,5 milhão de pessoas presencialmente, com primor técnico e convidados locais dividindo o palco com Alok.

A estreia da versão indoor da Áurea Tour colocará a pirâmide e quase 500 drones dentro do estádio do Pacaembu, em São Paulo, no dia 28 de junho. Com cerca de 25 metros de altura (o equivalente a um prédio de 10 andares), 100 toneladas de equipamentos, 2 mil painéis de led de alta definição e 400 refletores, trata-se de um

Alok com sua mãe, a DJ Ekanta (foto: Miranda); Alok e Bhaskar no projeto Lógica; abaixo, o DJ com o pai, Swarup; à dir. Bhaskar e Alok , já como produtores muicais

Acervo pessoal

tetris tecnológico de alta complexidade, que leva 14 dias para ser montado.

Além de Alok, os shows da turnê terão participação do cantor Zeeba (a voz de "Hear me Now", hit global de Alok e Bruno Martini lançado em 2017) e dos indígenas que fizeram parte do álbum "O Futuro é Ancestral" (Mapu Huni Kuin, Owerá, Brô MC's, Yawanawás, Célia Xakriabá, Kaingang e Guarani Nhandewa), que foi indicado ao Grammy Latino em 2024.

"A Áurea veio por um chamado, uma necessidade da gente se reinventar. A gente tentou várias outras coisas antes, sabe, até que acertou esse hit. A gente brinca que um hit não é a gente que escolhe. Se fosse, todas as minhas músicas seriam hits. A estrutura da Áurea, a pirâmide, é como se fosse um hit. Ela trouxe uma comoção coletiva de uma maneira muito viral, e a gente está cada vez mais se aprimorando, buscando ocupar um lugar único, singular", descreve Alok, que fala de suas realizações sempre como se integrasse um coletivo ou uma banda, dando a devida importância para sua equipe, como todo campeão deveria.

"Eu tenho um time que gosta muito de ser desafiado a todo momento. Eu brinco que, se for algo muito difícil, eles pedem 10 minutos para pensar. Se for impossível, pedem um pouquinho mais... mas a gente faz acontecer", elogia.

Ao mesmo tempo em que planeja um show complexo para grandes multidões, Alok lança um novo alter ego como DJ, o projeto Something Else, focado em música eletrônica underground e pistas menores. Uma dualidade que a vida artística lhe permite, e que é herança do aprendizado de Alok sobre seu público, que ele esteja num festival popular como o Rock in Rio, num especial televisionado pela Globo, no palco do Grammy ou numa cerimônia da ONU.

Para navegar por essa variedade e pluralidade de espaços, Alok ativa uma das ferramentas mais importantes para um DJ: a leitura de pista. Não resta dúvida de que mora aí um de seus superpoderes.

"Um DJ deve adaptar seu set ao público e ao local, respeitando o contexto e as expectativas de quem está na pista. Não se trata de impor seu gosto pessoal, mas de servir as pessoas e garantir que saiam mais felizes do que chegaram", ensina.

"Você está na Globo? Você vai tocar de um jeito. Você está no Tomorrowland? Outra coisa. Eu acredito muito nisso. Claro que não vou tocar o mesmo tipo de set que eu tocaria diante de 1 milhão de pessoas num festival de música eletrônica underground. Você tem que trazer a sua personalidade, mas respeitar o lugar em que você tá", diz, deixando escapar um pouco de sua receita secreta.

Do psy trance para os charts

Para além dos números estrondosos em torno de sua carreira, Alok conquistou um posto inédito pelo menos no Brasil. Se você perguntar quem é Alok para a sua avó, para o frentista do posto, para uma criança no parquinho ou para o saradão da academia, todos vão responder que ele é o DJ mais famoso do Brasil. E não estão mentindo. Alok furou a bolha grandão.

Aqui vai uma ficha corrida para balizar a minha tese de boteco: Alok foi o primeiro brasileiro na Billboard Dance 100 e no top 50 global do Spotify. Foi indicado duas vezes ao Grammy Latino. Mantém residência no Hi Ibiza, maior clube de música eletrônica do mundo. Tem parcerias lançadas com Mick Jagger, Ed Sheeran, Dua Lipa, Gilberto Gil, Roberto Carlos, Anitta, entre outros. Ganhou prêmio em Cannes pelo trabalho com os povos indígenas (Better World Fund – uma organização norte-americana que usa a arte para promover a paz). Sem falar nos números: quase 30 milhões de seguidores no Instagram, mais de 5 bilhões de streams acumulados, mais de 320 shows por ano pelos cinco continentes.

Um talento que só se explica porque tem DNA envolvido, né? Alok, assim como seu irmão gêmeo, Bhaskar, nasceu do relacionamento entre os DJs Swarup e Ekanta Jake, responsáveis por movimentar a cena de raves no Centro-Oeste desde o final dos anos 1990 e principais expoentes do psy trance no Brasil. Eles são fundadores do Universo Paralello, festival que começou pequeno na Chapada dos Veadeiros, em Goiás, e atualmente arrasta milhares de pessoas à sua nova – e também paradisíaca – locação, a praia de Pratigi, na Bahia, além de manter edições em outros países.

"Desde bebês eles já tinham uma ligação forte com a música, tocando bateria de panela no estúdio de ensaio da minha banda. Mas foi em 2004, quando os vi tocando pela primeira vez numa festa em Brasília, que eu pensei: 'esses meninos vão longe'", ouvi essa frase de Juarez Petrillo, o DJ Swarup, pai dos meninos.

Aos 5 anos, os gêmeos se mudaram para a Holanda, um dos berços da música eletrônica mundial, juntamente com a mãe, onde viveram por alguns anos. De volta ao Brasil, morando com Swarup, Alok e Bhaskar começaram a frequentar o estúdio do pai e, aos 12, os dois aprenderam a mixar usando CDJs.

"Eles estavam muito interessados em saber como aquele timbre era construído, aquela subida, efeitos etc... Meio autoditadas, tentavam fazer o mesmo, mas também

Com tecnologia de ponta, Alok se prepara para levar a pirâmide Áurea para dentro de estádios pelo Brasil. A estreia está programada para 28 de junho, no Pacaembu, em São Paulo

AJUDAR O PRÓXIMO FOI COMO ME CUREI"

visitavam outros estúdios e faziam músicas com 'tios' mais experientes, às vezes também fazendo remixes. Estudaram um pouco de música, um teclado, e o outro, guitarra", me disse a mãe, Ekanta, numa ocasião em que acompanhei a família no programa "Conversa com Bial". Alok e família foram as estrelas do programa, que focou na carreira do DJ e também na sua vida pessoal do DJ.

Juntos, Bhaskar e Alok formaram o projeto Lógica e aos 15 já estavam produzindo música. A carreira solo de Alok começou em 2010 e, três anos depois, o DJ explodiu no meio do psy trance graças à música "We Are Underground", lançada em seu Soundcloud. "Comecei mesmo a tocar com uns 9 anos, mas com cachê mesmo foi aos 12, na festa Psycholand, em Brasília. Com equipamento super-rudimentar, um CDJ 100", lembra Alok, confirmando a data apontada pelo pai.

O psy é um subgênero do trance, um dos quatro grandes macrogêneros da música eletrônica de pista, ao lado de house, techno e breakbeat. É um som acelerado e complexo, com influências musicais do hinduísmo. É considerado um som underground e até chocante para novatos e em nada lembra as melodias cantaroláveis que fizeram Alok bombar mundialmente como produtor musical.

Alok é a palavra em sânscrito que significa "luz". E foi para a luz que seu som foi migrando, ganhando contornos mais pop e solares. O underground, claro, não gostou nada disso.

"Eu entendo que muitas vezes a cena eletrônica tenha um certo tipo de decepção quando eu toco um som mais mainstream. Eu também já estive no lugar deles e já tive essa crítica com meus artistas preferidos. Mas esse é um papel que eu ocupo. E tenho muito respeito por ele, saca? Fiz um combinado com a galera que, quando eu for tocar em festivais segmentados e festas eletrônicas no Brasil, vou fazer o set eletrônico que eu faço lá fora. Exemplo disso foi meu set no Tomorrowland do ano passado. A galera falou: 'poxa, ele voltou'. Mas ele sempre esteve em mim, né?", explica o multifacetado DJ.

Vazio existencial

Dinheiro, fama, uma família linda. E um vazio existencial. Esse buraco no peito que nos leva a divagar sobre o que motiva nossa existência aconteceu também para Alok. E foi na filantropia que ele conseguiu preenchê-lo.

"Se você me perguntasse há 10 anos sobre filantropia, eu rejeitaria na hora. Nem entendia o sentido. Pensava: 'Se eu tiver grana, vou comprar minhas coisas e ser feliz'. Mas foi um vazio existencial profundo que me fez ressignificar tudo. Ajudar o próximo foi como me curei. Encontrei um propósito que preencheu esse vazio. Por que eu faço o que faço? Para nunca mais voltar àquele lugar. E foi assim que o Instituto Alok nasceu", conta.

Apesar de pequeno, o Instituto Alok consegue ajudar muita gente. "Somos como um jet ski: ágeis e vamos aonde é preciso. Potencializamos projetos existentes, sempre alinhados com o que mexe comigo. A primeira ação foi um programa de microcrédito chamado Acreditar. Quando você empresta dinheiro a alguém, está dizendo: 'Eu acredito em você'. E a taxa de inadimplência? Zero. Isso é poder", relata Alok.

A grana para dar início ao Instituto veio do valor de uma parceria com o game Free Fire: "Investimos R$ 27 milhões em ações no Brasil, Índia e África. Ano passado, descobri que a maior causa de mortalidade infantil é a água contaminada. Destinamos R$ 2 milhões para tratar água em comunidades vulneráveis — sem alarde, só ação", conta, com um sincero sorriso no rosto.

Lá pelo fim da entrevista, ele volta a falar da Áurea, desta vez não da pirâmide, mas da floresta. "Não só doamos: usamos nossa equipe para otimizar projetos. Como na Floresta Áurea, projeto em que reflorestamos áreas devastadas. Plantar uma árvore é ter fé no futuro", desfecha poeticamente o autor de hits como "Ocean", que fala do som na natureza e do oceano. Até agora o Instituto contabiliza 250 mil árvores plantadas.

"Tem uma frase que me define: 'O homem que planta uma árvore sem saber se vai sentar em sua sombra já entendeu o sentido da vida'. É isso. O Instituto não é sobre salvar o mundo sozinho, mas sobre plantar sementes — às vezes, literalmente", finaliza.

O futuro é indígena

Por último gostaria de deixar um relato de um encontro emocionante que aconteceu em Miami, no Grammy Latino de 2024. Estava no tapete vermelho do Kaseya Center, onde a cerimônia aconteceria e todos os artistas indicados chegavam para passar por entrevistas.

Eis que surge Alok com os artistas do álbum "O Futuro É Ancestral" (reprodução do título do livro do pensador indígena – e conselheiro do DJ – Ailton Krenak), que teve a música "Pedju Kunumigwe" indicada na categoria de "Melhor Performance de Música Eletrônica Latina".

Assim como grande parte dos jornalistas e também alguns astros que passavam pelo tapete vermelho, pedi para tirar uma foto com Alok e os artistas que o acompanhavam: Mapu Huni Kuin, Célia Xakriabá, Kaingang, Guarani Nhandewa e outros. "Eu expliquei para eles o que era o Grammy, eles ficaram muito felizes, mas sabem que o mais importante é que a palavra deles chegue para o máximo de pessoas possível", diz Alok.

Não levaram o prêmio, mas, para mim, foram as grandes estrelas do Grammy.

Resta dúvida se a tradução do nome Alok está correta? ✹

Assistentes de foto
Igor Kalinouski
Nicolas Parfenovas

Camareira
Nadia Maria

Making Of
Samuel Machado

Produção Billboard Brasil
Igor Lessa

Agradecimentos
Josiane Miozzo
Hudson Conrado